



# Diálogos

ISSN 2077-2940



Dossiê  
AS DOENÇAS TÊM  
HISTÓRIA



## Aos touros: a tauromaquia, o processo de modernização e o trânsito do rural ao urbano em Curitiba (1856-1916).



<https://doi.org/10.4025/dialogos.v25i2.54089>

Victor Andrade de Melo

<http://orcid.org/0000-0002-1983-1475>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, (UFRJ), Brasil. E-mail: victor.a.melo@uol.com.br

Leonardo do Couto Gomes

<https://orcid.org/0000-0002-8866-2054>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, (UFRJ), Brasil. E-mail: leo\_gomes.97@hotmail.com

---

### To the bulls: bullfighting, the modernization process and the traffic from rural to urban in Curitiba (1856-1916).

**Abstract:** This study aims to discuss the experience of bullfights organized in Curitiba between 1856 and 1916 in order to explore the relationship between this entertainment and the circulation of ideas of civilization and progress in the city, with its modernization process. The time frame considers the first identified occurrence of bullfighting, as well as the moment when there was a reflux in the promotion of bullfighting. Newspapers published in the capital of Paraná were used as sources. In the end, it is concluded that the practice is a good indicator of the changes that the city was going through, moving from rural to urban dynamics.

**Key words:** History of Fun; History of Curitiba; Bullfighting.

---

### A los toros: tauromaquia, el proceso de modernización y el transito del rural al urbano en Curitiba (1856-1916).

**Resumen:** Este estudio tiene el objetivo de discutir la experiencia de las corridas de toros organizadas en Curitiba entre 1856 y 1916. El objetivo es explorar la relación entre este entretenimiento y la circulación de ideas de civilización y progreso en la ciudad, con su proceso de modernización. El marco temporal considera la primera ocurrencia identificada de corridas de toros, así como el momento en que hubo un reflujo en la promoción de las corridas de toros. Los periódicos publicados en la capital de Paraná fueron utilizados como fuentes. Al final, se concluye que la práctica es un buen indicador de los cambios por los que estaba pasando la ciudad, transitando de la dinámica rural a la urbana.

**Palabras clave:** Historia de la Diversión; Historia de Curitiba; Corridas de toros.

---

### Aos touros: a tauromaquia, o processo de modernização e o trânsito do rural ao urbano em Curitiba (1856-1916).

**Resumo:** Este estudo objetiva discutir a experiência das touradas organizadas em Curitiba entre 1856 e 1916. O intuito é prospectar a relação desse entretenimento com a circulação de ideias de civilização e progresso na cidade, com seu processo de modernização. O recorte temporal considera a primeira ocorrência identificada da tauromaquia, bem como o momento no qual houve um refluxo da promoção das corridas de touros. Como fontes foram utilizados periódicos publicados na capital paranaense. Ao fim, conclui-se que a prática é um bom indicador das mudanças pelas quais passava a cidade que transitava de uma dinâmica rural para outra urbana.

**Palavras-chave:** História da Diversão; História de Curitiba; Touradas.

---

Recebido em: 02/06/2020

Aprovado em: 26/10/2020

---

## Introdução

No Brasil, as práticas tauromáquicas tiveram longa existência em algumas cidades, especialmente no Rio de Janeiro, onde, desde o século XVII, e ainda mais no decorrer dos XVIII e XIX, muitas corridas de touros foram promovidas, inseridas na programação de festividades organizadas pelo Estado – tais como nascimentos de príncipes, casamentos e outras datas importantes da família real portuguesa – ou como parte de um mercado de entretenimentos que paulatinamente se expandiu (MELO, 2013a, 2013b, 2015).

Em São Paulo (SANTOS; MELO, 2014), Porto Alegre (KARLS; MELO, 2013) e Salvador (MELO; ROCHA JUNIOR, 2016) também foram organizadas corridas de touros que guardaram entre si semelhanças, mas também peculiaridades, em muitas ocasiões relacionadas aos distintos processos de adesão ao ideário e imaginário da modernidade. Pouco se investigou, contudo, as experiências tauromáquicas de outras cidades nacionais<sup>1</sup>, tema que pode nos permitir lançar olhares sobre as distintas dinâmicas urbanas.

Como as touradas se organizaram em Curitiba, cidade que, assim como as já citadas, nos séculos XIX e XX passou por intensas transformações ligadas à circulação de noções de civilização e progresso? Vale ter em conta que a história da capital do Paraná é marcada pela predominância e peculiaridade dos negócios desenvolvidos ao redor da cultura do mate:

O desenvolvimento da indústria na região, quando colocado no contexto brasileiro, pode ser considerado sui generis, pois ele não se prende ao processo de substituição de importações que teve o seu centro em São Paulo. No decorrer do século XIX, a fração da burguesia paranaense que se dedicava ao comércio exterior promoveu um processo autossustentado e relativamente autônomo de tecnificação do beneficiamento da erva-mate, que se aproximava do modelo paradigmático da industrialização europeia (PEREIRA, 1996, p. 8).

Antes da experiência manufatura, na primeira metade do século XIX, a economia do Paraná era eminentemente agrária. Além do cultivo do mate, a pecuária e o tropeirismo tinham destaque (ZATTI, 2011). O quadro urbano de Curitiba era basicamente constituído por um pequeno comércio varejista e poucos artesões, negociantes agrícolas e burocratas (PEREIRA, 1996).

Esse cenário mudou em função da produção do mate em escala industrial. Devido à natureza do negócio, o pequeno centro foi tornando-se mais habitado (PRIORI, 2012). Gestou-se uma nova dinâmica citadina. Aumentaram as exigências da população e as intervenções do Estado no que tange à estruturação urbana: abertura e pavimentação de logradouros, saneamento e distribuição da água, iluminação, transporte público, instalações para saúde, educação, lazer (PEREIRA, 1996).

Em decorrência do crescimento populacional e da circulação de novos princípios de

<sup>1</sup> Além dos estudos já citados, vale consultar o artigo de Vieira (2014) sobre as touradas promovidas em Belém.

ocupação das cidades, surgiram novas regras e exigências de comportamento. Maneiras de se portar tidas como civilizadas precisavam ser seguidas e implementadas, modelos relidos de países tidos como mais desenvolvidos (SEVCENKO, 1983).

Em Curitiba, esse processo se exponenciou quando o Paraná se emancipou de São Paulo (1853), momento em que se tornou a capital da nova província. A partir de então, mais intensamente, lideranças diversas propuseram que a cidade tivesse em conta noções de civilização e progresso que já circulavam em outras metrópoles (principalmente Londres, Paris e Rio de Janeiro) (CAPRARO, 2002). Uma das práticas que chegaram sob discursos de serem bem aceitas na Corte foram justamente as touradas.

Há que se ter em conta que, no século XIX, as touradas bem se ajustaram à dinâmica das localidades que transitavam do rural para o urbano. Já adotaram um modelo empresarial – o sucesso do empreendimento dependia da venda de ingressos, mas ainda mobilizavam muitos elementos do campo (não só pela presença explícita do gado, como também por uma certa rudeza menos identificada simbolicamente com a cidade que passava por um processo de “refinamento dos gestos”). Conforme o progresso fosse marchando, isso seria inclusive um problema para sua manutenção, bem como o fato de que era uma referência forte ao antigo colonizador num país que pretendia se forjar como um ente independente (MELO, 2015).

Como esses debates se manifestaram na capital do Paraná? Considerando essas observações iniciais, este estudo tem por objetivo discutir a experiência das touradas organizadas em Curitiba entre os anos de 1856 e 1916. O intuito é prospectar a relação do entretenimento com a circulação de ideias de civilização e progresso na cidade, com o processo de modernização. O recorte temporal considera a primeira ocorrência identificada da tauromaquia, bem como o momento no qual houve um refluxo da promoção das corridas de touros.

Para alcance do objetivo, como fontes foram utilizados periódicos publicados na capital paranaense. Além de não encontrarmos outros documentos relevantes sobre o tema, esse material auxiliou na compreensão da repercussão pública da prática, pois a imprensa já era em um importante fórum de debates no momento investigado (MYSKIW, 2008).

Há várias entradas possíveis para investigar a história das cidades. O que pretendemos é lançar um olhar para Curitiba a partir de um dos mais importantes fenômenos citadinos, os divertimentos, os considerando como indicadores das mudanças pelas quais passou a capital paranaense.

## Entre o rural e o urbano: um novo entretenimento numa cidade em transformação

A corrida de touros tão usada na Espanha e considerada até como um dos primeiros divertimentos, na qual tomam parte todos os nobres, desde a mais alta hierarquia até a humilde plebe, é barbara, cruel e desumana, porque o tormento que sofre um pobre animal, aguilhado por todos os lados com lanças, ou farpões de ferro, acometido por todas as formas, fatigado pela corrida, e às vezes dias antes desesperado pela sede, que de propósito o fazem sofrer para mais aguçarem-lhe as iras, e muitas vezes a morte, que dão aos seus perseguidores, e outras considerações, deviam para sempre bani-lo da sociedade, que se deprava, se embrutece com tais exemplos: o mesmo acontece entre nós com as brigas de galos<sup>2</sup>.

O trecho anterior, publicado no jornal *O Dezenove de Dezembro*<sup>3</sup>, é de autoria do Dr. José Cândido da Silva Murici. Trata-se de um excerto de sua tese defendida na Faculdade de Medicina da Bahia, na qual discorreu sobre a “influência do jogo na economia do homem”. Nos anos 1850, o facultativo mudou-se para o Paraná a convite do primeiro presidente da província, Zacarias de Góis e Vasconcelos<sup>4</sup>, que considerava as ações e discursos do soteropolitano como potenciais contribuições para a região. A ele foi concedido o título de vacinador provincial (LEAHY, 2010).

A visão pejorativa do esculápio no tocante aos divertimentos envolvendo animais, em especial no que tange às touradas e brigas de galos, possivelmente tinha algum grau de relação com suas experiências em Salvador e sua formação intelectual. Segundo Melo e Rocha Júnior (2016), desde o século XVII, houve corridas de touros na cidade da Bahia. No século XIX, contudo, assim como houve em outras capitais, foram criticadas por seu caráter bárbaro, na linha do que argumentou Murici.

Todavia, a visão do Dr. José Murici quanto à brutalidade das touradas não teve, pelo menos a princípio, grande repercussão na capital paranaense. Pouco tempo depois, em 1856, um primeiro espetáculo tauromáquico dava as caras nas ruas curitibanas. A praça/circo de touros foi, inclusive, montada em frente ao palácio do governo.

O organizador dos pioneiros eventos foi João Martins França, empresário-toureiro que já levara a prática para diversas províncias do Império. No Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo é possível encontrar relatos de espetáculos promovidos por ele, que sempre destacava nos anúncios o fato de terem sido bem recebidos na Corte.

<sup>2</sup> *Dezenove de Dezembro*, 8 ago. 1855, p. 3.

<sup>3</sup> Esse foi o primeiro jornal a ser publicado na cidade. Circulou entre 1854 e 1890, auxiliando na consolidação de Curitiba como capital da província. Nas suas páginas, atos oficiais diversos dividiam espaço com notícias sobre o comércio, economia, política e dinâmica social.

<sup>4</sup> Para mais informações sobre a trajetória desse importante político, ver Martins (1999).



Figura 1  
Anúncio da 1<sup>a</sup> experiência tauromáquica de Curitiba.  
Dezenove de Dezembro, 13 fev. 1856, p. 4.

A menção de que já atuara na capital nacional era uma clara estratégia de divulgação, sugerindo-se à sociedade curitibana que se travava de um espetáculo digno. As corridas de touros chegaram a Curitiba como uma experiência inovadora em uma cidade que dava seus primeiros passos de modernização. Era preciso convencer o público.

A temporada foi organizada seguindo um modelo que com poucas alterações permaneceu no decorrer do século em todas as cidades investigadas. Tratava-se de um acordo comercial entre o proprietário da arena, os donos dos animais e o diretor da companhia de toureiros, uma iniciativa empresarial que para ter sucesso contava com o arrecadado nas bilheterias, bem como aluguel dos espaços de alimentação.

Nas cidades em que as touradas já foram investigadas, esse modelo empresarial sucedeu um anterior, patrocinado por personagens influentes, gratuito para o público. No caso paranaense, até mesmo devido à escassez de fontes, sejam relatos de memorialistas ou documentos oficiais, não conseguimos identificar eventos mais antigos de tauromaquia. O que sabemos é que, em Curitiba, assim como nas outras capitais, a oferta das corridas de touros se deu *pari passu* com a estruturação de um mercado de entretenimentos públicos, um processo que se relacionava com a maior urbanização e adesão às ideias de modernidade.



Figura 2 -Planta de Curitiba, 1857.

Acervo do Portal JWS.

Disponível em: <https://www.jws.com.br/2016/08/1953-como-era-curitiba-ha-60-anos/>

Em azul claro, logradouro onde houve vendas de ingressos para touradas, a Rua da Carioca (atual Rua Riachuelo). Em rosa claro, está demarcada a Rua das Flores, principal *lócus* de experiências modernas da cidade naquele momento (atual Rua XV de Novembro). Em verde, encontra-se a possível localização dos pioneiros eventos tauromáquicos de Curitiba, entre as Ruas das Flores e a da Carioca. Segundo Santos (1998), nessa região se instalou o primeiro palácio do governo.

Na imagem anterior, podemos perceber como, em 1857, era diminuta a malha urbana de Curitiba. Apesar de já ter quatro anos como capital da província, ainda se tratava de uma cidade discreta e tipicamente colonial. Todavia, passava pela primeira iniciativa de reformas, planejadas pelo engenheiro francês Pierre Taugeois, de onde surgiriam novos logradouros, edifícios, teatros, clubes e escolas (BOTTON, 2011; KATO, 2012). Tais mudanças, em 1858, foram percebidas por um viajante alemão:

Chegara eu à cidade capital de Curitiba. Por isso talvez é que me surpreendeu muito agradavelmente a cidade de uns 5.000 habitantes. Naturalmente nela nada se encontra de grande ou grandioso. Em tudo, nas ruas e casas e mesmo nos homens se reconhece uma dupla natureza. Uma é a da velha Curitiba, quando ainda não era a capital de uma Província, mas um modesto lugar central, a quinta comarca de São Paulo. Aí se veem ruas não calçadas, casas de madeira e toda a espécie de desmazelo, cantos sujos e praças desordenadas, ao lado das quais há muita coisa em ruínas e não se pode deixar de reconhecer evidente decadência e atraso. Na segunda natureza, ao contrário, expressa-se decisiva regeneração, embora não apareça nenhum grandioso estilo

Renascença. Desde a chegada do Presidente e do pessoal administrativo, Curitiba tem o seu palácio. Naturalmente é um simples rés-do-chão e tem aparência despretensiosa, modesta, mas é bonito e asseado. Para a força militar foi construído um quartel general que é visto de longe e produz um belo efeito. Como prova de que em tempo de paz essa força não abandona os negócios de Marte, edificou-se uma cadeia. (...). Além disso, foram construídos a Câmara de Deputados provincial, o Tesouro e muitas coisas; em resumo, Curitiba, a velha vila enfezada, marcha com energia para um novo desenvolvimento (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 273).

Curitiba transitava do rural para o urbano, começando a emergir iniciativas e circulação de produtos que conformavam uma experiência moderna. Todavia, como observa Priori (2012), boa parte da população ainda trabalhava exaustivamente na lavoura de mate, dispondo de restritas opções públicas de divertimentos, tais como bailes, jogos de cartas e bilhar.

Ainda havia antigos hábitos que interferiam na dinâmica citadina. Por exemplo, naquele ano de 1856, a temporada teve que ser suspensa em função da quaresma, só retornando no domingo de páscoa<sup>5</sup>. Certamente, tratou-se de uma intervenção que atrapalhou os planos de João Martins, compelido que foi a ficar 40 dias parado. Um problema maior foi o pequeno mercado consumidor que, além de tudo, ainda não desenvolvera notavelmente hábitos públicos de diversão.

Os eventos tauromáquicos, de fato, não parecem ter despertado grande atenção, a despeito dos aparentes esforços de João Martins. Logo depois do espetáculo de páscoa, o empresário foi aos jornais para clamar pela ajuda da população “afim de poder desfarrar as despesas que (tinha) feito à custa de tantos trabalhos e sacrifícios”<sup>6</sup>.

Logo, em função do contexto da cidade à época, mais do que por possíveis críticas a sua inadequação, entende-se porque somente a partir da década de 1880 se perceba uma maior atenção às touradas. Nesse momento, a cidade cresceria e já melhor se delinearia uma estrutura pública de entretenimentos que iria se exponenciar no decorrer dos anos 1890 e 1900.

### **Aos touros: a caminho do moderno, o espaço do rural**

Em Castro, acha-se uma companhia de toureadores que em breve virá a esta capital a fim de dar aqui algumas funções. Informam-nos que o diretor da companhia já fez pedido de alguns touros bravos, a pessoas desta capital<sup>7</sup>.

Entre os anos de 1857 e 1882, nenhuma ocorrência sobre práticas tauromáquicas em Curitiba foi localizada nos jornais, sinal de que os vários grupos que pelo Brasil apresentavam o espetáculo, grande parte formada por portugueses ou espanhóis, não viram viabilidade em aportar

5 Dezenove de Dezembro, 20 fev. 1856, p. 4.

6 Dezenove de Dezembro, 9 abr. 1856, p. 4.

7 O Paranaense, 28 set. 1881, p. 4. Esse periódico circulou entre 1877 e 1882. Ligado ao Partido Conservador, publicava notícias locais e discursos políticos (ZATTI, 2010).

na capital paranaense.

Em 1881, identifica-se a promoção de touradas no município vizinho de Castro. Provavelmente, foi essa trupe, a Companhia Tauromáquica Lusitana, que, no ano seguinte, se dirigiu à Curitiba<sup>8</sup>, apresentando espetáculos completos à moda portuguesa<sup>9</sup>. Foram feitas inclusive as usuais deferências a figuras eminentes da cidade, como Benedicto Carrão, diretor de “O Paranaense”, e J. A. Lima, comerciante influente.

Os espetáculos parecem ter sido um sucesso para os que se fizeram presentes. Apesar disso, em pouco tempo não havia mais público<sup>10</sup>. Há algumas possibilidades para explicar tal ocorrência. Uma delas pode ter sido a má qualidade dos animais, não sendo os touros bravos o suficiente para permitir a adequada realização das proezas técnicas.

Essa sempre foi uma questão sensível no desenvolvimento das touradas no Brasil; em Curitiba não foi diferente. Não havia, como na Península Ibérica, criação específica de gado para a prática. Em todas as temporadas, discutiu-se o grau de braveza dos touros. Por vezes, prometeu-se mesmo a devolução do valor da entrada caso os animais fossem dóceis<sup>11</sup>.

Depois de pouco tempo em Curitiba, identificamos a Companhia a promover corridas de touros em Florianópolis<sup>12</sup>. Dado o reduzido mercado consumidor, era ainda um desafio viabilizar iniciativas no âmbito de entretenimento nessas duas cidades, ainda mais uma complexa e cara como as touradas.

Foi nos anos 1890 que houve um ciclo mais constante de promoção de touradas. Deve-se considerar que se tratou de um momento turbulento para Curitiba, marcado por surtos epidêmicos, em 1889 e 1891 (GALERA, 2014), e por impactos da Revolução Federalista (1893-1895)<sup>13</sup>, mas também por implementação de mudanças na malha urbana.

Entre fevereiro e abril de 1892, organizou touradas em Curitiba a companhia dos irmãos Manoel e Ramiro Custardoy<sup>14</sup>. Era mais uma das trupes que, formadas na Península Ibérica,

<sup>8</sup> O Povir, 15 ago. 1882, p. 2-3. Esse jornal circulou em 1882. Apresentava como finalidade instruir a mocidade curitibana. Anúncios de empregos, poesias, piadas e notícias do cotidiano compunham as suas páginas.

<sup>9</sup> Sobre as diferenças entre as touradas espanholas e portuguesas, ver Capucha (1988). Em síntese, na Espanha valoriza-se o toureio a pé, com animais desembolados (chifres sem proteção) e conclusão com a morte do animal, enquanto em Portugal valoriza-se o toureio a cavalo, com os animais embolados (chifres com proteção) e conclusão não com a morte do touro, mas sim com a “pega a unha” promovida pelos forcados.

<sup>10</sup> O Povir, 15 ago. 1882, p. 2-3.

<sup>11</sup> A Republica, 9 abr. 1892, p.2.

<sup>12</sup> Jornal do Comércio, Florianópolis, 23 mar. 1882, p. 6.

<sup>13</sup> Para mais informações sobre os impactos da Revolução Federalista em Curitiba, ver Séga (2001) e Lacerda (2014).

<sup>14</sup> A Republica, 9 fev. 1892, p. 3; A Republica, 12 mar. 1892, p. 3; A Republica, 14 abr. 1892, p. 4. Esse periódico foi fundado em 15 de março de 1886 e extinto em 1930. Foi o primeiro jornal republicano da capital paranaense (CORRÊA, 2006). Pautado em discursos progressistas, publicava sobre os mais variados temas econômicos, políticos e sobre assuntos do dia a dia da cidade.

percorria a América do Sul se apresentando<sup>15</sup>. Apesar dos eventos promovidos parecerem estar vinculados ao estilo espanhol de tourear, em nenhum momento citou-se a morte do gado. Era um curioso arranjo no qual havia muitas funções com toureio a pé, mas encerramento com a pega a unha dos forcados. Esse formato híbrido foi usual na trajetória da tauromaquia em Curitiba<sup>16</sup>.

Percebe-se maior cuidado na estruturação do divertimento. A princípio, as touradas foram oferecidas semanalmente, aos domingos, em geral com quatro touros originários da Fazenda Rio Grande<sup>17</sup>, expostos com antecedência para que o público se certificasse que eram bravos o suficiente para garantir um emocionante espetáculo.

As touradas tiveram lugar no Circo Paranaense. Quanto a esse estabelecimento, há uma curiosa ocorrência. Existe um de mesmo nome que, nos anos 1880, se localizava no Largo do Mercado<sup>18</sup>. Tendo em conta que os anúncios não indicavam endereço e ainda informava que seria “o preço de costume”, é possível que se tratasse dessa arena. Todavia, todas as ocorrências dos anos 1890 referem-se à prática tauromáquica. Aparentemente, ficou um tempo sem programação, sendo reanimada pela companhia dos Custardoy.

Na arena, havia uma separação do público determinada pelo valor do ingresso, o que estabelecia maior ou menor conforto. Vejamos, por exemplo, os preços em 1895. Para assistir nas arquibancadas, no sol, o bilhete custava 1\$000, enquanto na sombra 2\$000. Havia um lugar melhor, chamado de Reservado, com bilhete a 3\$000<sup>19</sup>. Em algumas ocasiões, se ofereciam camarotes, um indício de que se delineara um público mais exigente: 15\$000 para um grupo de quatro pessoas<sup>20</sup>.

Eram preços relativamente acessíveis para estratos médios e até mesmo para os médios-baixos. O valor era similar, por exemplo, às atrações oferecidas no Teatro Hauer, outro importante espaço de entretenimento<sup>21</sup>. Além disso, o leque de opções é indício da possível presença de diversos grupos sociais. De fato, em mais de uma ocasião se registrou que as arenas acolheram bom público: “Magnifica foi a função que no domingo deu a companhia tauromáquica dirigida pelo célebre bandarilheiro Manoel Custardoy. Numerosa foi a concorrência tanto no lado do sol como no da sombra e nas cadeiras não havia um só lugar”<sup>22</sup>.

15 Por exemplo, em 1904, mais de uma década depois, ainda encontramos os espanhóis se apresentando na cidade de Itu, interior de São Paulo (A Cidade de Itu, 29 dez. 1904, p. 4).

16 Ver, por exemplo, A República, 14 nov. 1895, p. 4.

17 Provavelmente, trata-se do atual município de mesmo nome que, desde o século XIX, localizado nas redondezas de Curitiba, mantinha grande relação com a capital. Uma das especialidades da propriedade era exatamente a criação de gado.

18 Ver, por exemplo: Dezenove de Dezembro, 12 mar. 1886, p. 3.

19 A Tribuna, 9 nov. 1895, p. 4.

20 A República, 1 nov. 1895, p. 4.

21 A República, 8 dez. 1895, p. 4. Para comparação com um produto de uso cotidiano, uma vassoura custava 1\$200 (A Tribuna, 21 nov. 1895, p. 3).

22 A Republica, 29 mar. 1892, p. 2.

A fim de atrair o público, os empresários adotaram a estratégia de a cada sessão apresentar uma nova atração – palhaços, pantominas, distintos toureiros, diferentes técnicas. As propagandas usualmente tomavam um terço de página numa coluna de cima aabaixo. Na terceira sessão, foi oferecido o chamado “touro dos curiosos”, um animal para que voluntários da plateia enfrentassem na arena, atividade costumeira em outras cidades.

Apesar do sucesso, pelo menos parcial e temporário, nem todos apreciavam as touradas. Em outras cidades já havia resistências à prática. O deputado Pedro Américo, em 1892, apresentou um projeto de lei proibindo as corridas de touros e “todos os espetáculos cruéis e contrários à índole nacional”<sup>23</sup>. Em tom irônico, um cronista comentou: “Se isto for adiante, Adios hermosos toreros! Adios, capinhas gentis...”.

O projeto não foi adiante. Em 1895, teve início uma nova temporada de touradas em Curitiba, ainda mais sofisticada que a anterior. A arena foi instalada no Largo/Praça Thereza Christina (atual Praça Santos Andrade), localizada no centro da Rua XV de novembro<sup>24</sup>. À época, tratava-se de um extenso campo, como se pode ver no mapa a seguir.



Figura 3 - Planta de Curitiba, 1894.

Disponível em: <https://paulodafigaroblogspot.com/2014/03/uma-planta-da-curityba-de-1894.html>  
O círculo amarelo identifica o Largo/Praça Thereza Christina.

23 A Republica, 26 jul. 1892, p. 2. Provavelmente trata-se do notório pintor que participou da Constituinte de 1890 como deputado eleito por Pernambuco, apresentando posturas progressistas.

24 A República, 1 nov. 1895, p. 4.

Comparando com o primeiro mapa, perceba-se como se ampliara a malha urbana da capital paranaense. A despeito dos avanços na urbanização de Curitiba, a região onde se encontrava a praça de touros era ainda pouco pavimentada, o que dificultava a promoção de espetáculos nos dias chuvosos. As intempéries foram mesmo um obstáculo para os organizadores dos eventos e amantes dos touros.

O principal empresário de atividades tauromáquicas desse momento foi um personagem já conhecido por espetáculos promovidos em outras capitais, como Salvador (MELO; ROCHA JUNIOR, 2016) e Rio de Janeiro<sup>25</sup>: João Vieira. Foi dessa última cidade que trouxe sua equipe, o que sempre funcionava como estratégia de propaganda<sup>26</sup>.

A imprensa acompanhou com certo entusiasmo essa nova iniciativa tauromáquica, considerando que seria “mais uma agradável passatempo proporcionado, (...), ao público curitibano”<sup>27</sup>. Ainda assim, como na outra ocasião, surgiram críticas. O comendador Alfredo Munhoz as condenou veementemente por as considerar pouco civilizadas e bárbaras, especialmente por infringir sofrimento aos animais<sup>28</sup>.

Entende-se a posição desse importante personagem da sociedade curitibana. Do ponto de vista profissional, além de jornalista e professor da Escola de Belas Artes e Industriais do Paraná, foi importante funcionário público, ocupando postos de relevância (como Inspetor Geral da Fazenda Nacional). Foi também um dos líderes do espiritismo na cidade, defensor, inclusive, do vegetarianismo. Era, portanto, nos dois âmbitos, alguém ligado à ideia de ciência, evolução, progresso, algo que se chocava com o modus operandi touradas.

João Vieira, frente às críticas de alguém tão importante e respeitado na cidade, sentiu-se estimulado a responder (até mesmo porque precisava garantir o sucesso de seu investimento). Na seção “Comunicado”, uma parte paga do jornal, o empresário tratou de contestar os argumentos de que não se trata de algo civilizado, mobilizando uma série de referências internacionais sem maior preocupação de referenciação (obviamente porque tratava-se também de uma peça de propaganda).

Frente ao fato de que Munhoz acusou a tauromaquia de ser “escola de maus instintos e de passatempo nocivo à moral da sociedade moderna”<sup>29</sup>, Vieira sugeriu que “em grande número de países da Europa civilizada, aquela arte é considerada como um meio fácil de desenvolver a musculatura do homem, adaptando-o assim a todos os misteres materiais da vida”.

25 O Paiz, 19 ago. 1893, p. 6.

26 A Republica, 15 de set. 1895, p.2.

27 A Republica, 29 de set. 1895, p.2.

28 Seu artigo crítico foi publicado em A Luz, um periódico de difusão do espiritismo (divulgado em A República, 16 out. 1895, p. 2).

29 A Republica, 16 out. 1895, p. 2.

A tauromaquia teria, assim, nesse olhar, uma utilidade valorizada em tempos nos quais cresciam as preocupações com a saúde e higiene, nos quais a prática de atividades físicas começou a ser mais valorizada pelos seus potenciais benefícios sociais, mais do que pelo caráter de jogo ou diversão desinteressada<sup>30</sup>.

Um dos argumentos mais curiosos esgrimidos por Vieira é sobre uma possível hipocrisia que haveria na condenação da tauromaquia já que, ao ver do empresário, “maior barbaridade é tirar-se a existência dos bois para alimentação pública; no entanto a necessidade que temos de viver nos força a manobrar a faca contra os pacientes viventes, que são quotidianamente sepultados em nossos estômagos”.

Assim sendo, João Vieira fazia uma interessante operação – numa sociedade que progressivamente se pretendia moderna, seriam as touradas também modernas, pelo menos até que se operasse “uma radical transformação em quase todos os costumes que ainda se ressentem de tradições remotas”.

Deve-se ter em conta que no Rio de Janeiro, principal centro urbano do país no período, cresceram muito as críticas à tauromaquia, chegando-se a editar medidas regulatórias e até mesmo impeditivas de promoção da prática (MELO, 2013b, 2015). Em Curitiba, contudo, as touradas foram ainda encaradas mais como uma experiência moderna do que ultrapassada, algo que também ocorria em Porto Alegre. Essas diferenças têm relação com os diferentes “tempos” e “leituras de modernidade”.

A prática seguiu gozando de popularidade, registrada diversas vezes nos jornais. Em uma das ocasiões, chegou a haver um desastre – a arena não aguentou e veio abaixo ferindo vários dos presentes. A imprensa estimou um público de cerca de quatro mil pessoas: “Não podemos compreender como se consentiu que houvesse tamanha aglomeração de povo num circo muito bonito, mas tão mal construído!”<sup>31</sup>.

Frente ao escândalo, a notícia ocupou três colunas da primeira página de “A República”, o dono do estabelecimento e um dos empresários responsáveis pelas touradas, Antônio Paquete, transferiu a culpa para o engenheiro da Câmara, responsável pela fiscalização, e para Pedro Falce, construtor, militar do Exército, executor de várias obras da cidade, inclusive algumas públicas<sup>32</sup>. O incidente durante meses foi debatido nas folhas do periódico.

O que parece mais interessante é perceber a atuação desses novos personagens responsáveis pela estruturação do mercado de entretenimentos. Antonio Justiniano Paquete era um dos que se

30 Sobre o crescimento dessas preocupações em Curitiba da transição de séculos, ver Bertucci (2011) e Moraes e Silva (2011).

31 A República, 17 dez. 1895, p. 1.

32 Ver, por exemplo, A República, 7 out. 1894, p. 2.

mostrava disposto a investir nesse ramo que se delineava. Dono da Confeitaria Paquete, localizada na Praça Tiradentes, e da Confeitaria Paranaense, conhecida pelos serviços oferecidos para a promoção de festas, pertencia aos círculos de influência da sociedade curitibana.

Além disso, há duas outras ocorrências intervenientes. De um lado, o poder público tinha que se preparar para as novidades. Como regular esse novo ramo dos negócios que crescia, era considerado interessante para a dinâmica urbana, mas também perigoso pela massa de gente que movimentava, em muitas ocasiões de forma turbulenta? De outro lado, outros ramos teriam que se ajustar às necessidades das inovações. Como construir instalações com segurança? Como as dinamizar com a venda de ingressos, oferta de alimentação, programação? Tudo isso criava um novo conjunto de exigências para a cidade que crescia aspirando padrões de modernidade.

Perceba-se que, na temporada de 1895, a praça de touros do Largo Thereza Cristina se tornou um centro de eventos diversos<sup>33</sup>. João Vieira, sintonizado com o que ocorria no momento, usou diversas estratégias para atrair o público. Por exemplo, procurou mobilizar as questões de nacionalidade, convidando para seu empreendimento os de origem portuguesa, vinculação explícita já no título de sua companhia – Coliseu Lusitano. Ofereceu espetáculos especiais à classe caixeiral, integrada por muitos oriundos de Portugal, um grupo que, a propósito, em várias cidades demonstrava envolvimento com as touradas<sup>34</sup>.

De toda forma, não descuidou de oferecer um grande espetáculo para comemorar o aniversário da independência brasileira, uma sessão solene que contou com alguns importantes personagens da cidade, anunciada em coluna de meia página em “A República”<sup>35</sup>.

Em geral, aumentou a oferta de atrações. Uma de suas estratégias foi programar maior número de atividades por sessão: além das touradas, espetáculos musicais e teatrais, até mesmo bailes<sup>36</sup>. Outra ação foi buscar horários alternativos para as sessões, como “no domingo mais cedo para conveniência do público, que a esta hora não tem divertimento algum”<sup>37</sup>.

Investiu também no velho problema da qualidade dos animais. O empresário asseverou: “Estes touros vieram expressamente da Fazenda dos Srs. Gabriel Carnaciali e Marques. Garante-se serem bravíssimos estes gados da afamada Fazenda Malha-Faca, pertencentes a aqueles Srs.”. Em muitas ocasiões se anunciou: “os bois entrarão desembolados na arena, pois, dessa forma, estarão

33 Por exemplo, acolheu espetáculos de uma companhia acrobática por o Teatro Hauer não ter condições de realização de algumas proezas dos saudados artistas (*A República*, 15 dez. 1895, p. 1 e 4).

34 No caso do Rio de Janeiro, ver Melo (2015).

35 *A República*, 14 nov. 1895, p. 4.

36 Ver, por exemplo, *Diário do Paraná*, 18 jan. 1897, p. 3. Este jornal majoritariamente publicava matérias de interesse do Estado e do comércio, porém tinha também colunas humorísticas e seções sobre os eventos da sociedade curitibana. Circulou apenas em 1897.

37 *Diário do Paraná*, 27 fev. 1897, p. 3

eles mais apropriados e bravos para os trabalhos”<sup>38</sup>.

A propósito, ainda mais frequentemente e com maior destaque se garantiu na programação a sessão do “touro dos curiosos”, por vezes com premiações generosas, numa das ocasiões 20\$000 para quem demonstrasse melhor desempenho, valor equivalente a 10 ingressos de sombra<sup>39</sup>.

Os touros chegavam a ganhar status de estrela, não só comumente representados nas propagandas como por vezes anunciados como atração principal. Num espetáculo dirigido por Pedro Figuera, que também integrava a trupe de João Vieira, se anunciou num reclame de coluna inteira de meia página: “Aparecerá na arena o célebre TOURO PRETO tão reclamado pelo povo”<sup>40</sup>.

O arranjo era rural, mas o sentido moderno, a busca de emoções cada vez mais intensas, algo que no futuro seria mais usualmente celebrado com novas invenções disponíveis nos parques de diversão – brinquedos, cinema, novas práticas de entretenimento como a patinação (GOMES; MORAES; MELO, 2020).

Houve muitas touradas até 1897. Além das iniciativas de João Vieira, a companhia de Francisco Herales Navarro<sup>41</sup> trouxe uma novidade que já havia sido apresentada nas outras capitais: uma toureira mulher a enfrentar os bravos animais – Dolores Costa<sup>42</sup>. Dessa feita, essa inovação não causou tanto impacto quanto teria no futuro. A Empresa J. Romero foi outra a promover funções<sup>43</sup>.

Como é usual na trajetória da tauromaquia no Brasil, por não haver corpo fixo estabelecido tampouco arenas definitivas (todas foram provisórias, em geral confeccionadas com madeira), houve um período de interstício na promoção de corridas de touros em Curitiba. Somente em 1903, voltariam à cidade.

38 A República, 1 nov. 1895, p. 4.

39 A Tribuna, 23 nov. 1895, p. 4. Circulou entre os anos de 1895 e 1896. Se autointitulando uma folha imparcial, publicava assuntos de amplo espectro.

40 A República, 8 dez. 1895, p. 4.

41 A República, 18 set. 1896, p. 3.

42 A República, 4 out. 1896, p. 1.

43 A República, 25 abr. 1897, p. 3.



Figura 4 - Cartaz de tourada  
A República, 8 dez. 1895, p. 4.

### A cidade efervescente: cada vez mais urbana – as touradas em questão

Curitiba mudou sensivelmente na década inicial do século XX não só em função das reformas urbanas. A maior adesão a parâmetros de modernidade induziu a uma maior ocupação da cena pública. Além disso, foi notável o crescimento populacional: passou de 24.000 habitantes, em 1890, para cerca de 50.000, em 1900<sup>44</sup>.

A malha urbana já estava mais consolidada, bem como melhor organizada a burocracia e a economia local. Justamente neste momento, houve novo ciclo de oferta das touradas, integradas a um mercado de entretenimento que melhor se delineara (GOMES; MORAES; MELO, 2020).

Em 1903, já denominada Praça Santos Andrade<sup>45</sup>, o antigo Largo Thereza Christina voltou a acolher espetáculos tauromáquicos. Os jornais que acompanharam a construção da arena transitaram entre um informe frio e algumas críticas, como uma nota irônica de um/uma cronista

44 Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

45 Promovida em 1900, tal mudança foi uma homenagem ao importante político José Pereira Santos Andrade. Nessa região, atualmente encontram-se dois pontos relevantes da cidade, o prédio histórico da Universidade Federal do Paraná e o Teatro Guaíra, ambos originários dos anos iniciais do século XX.

que assinou como Bárbara Perpétua dos Prazeres:

*A los toros!* Esta notícia é novinha em folha: estão construindo um circo de touradas no largo Santos Andrade, mas nem por sombra, nem à sombra, aconselho aos genros que vão lá... São casados e não podem levar as mulheres, pois até as damas correm risco quando são bravos os bois<sup>46</sup>.

As críticas às touradas se tornariam mais usuais na imprensa curitibana, progressivamente se identificando uma certa anacronia da diversão numa cidade na qual aumentava o número de referências modernas, como bem definiu Viacava (2009, p. 3):

Nas primeiras décadas do século XX, Curitiba procurava se modernizar. (...). No centro da cidade, os bondes puxados a cavalos passam a ser substituídos por modernos bondes elétricos e surgem os primeiros cinemas e teatros. Recuperou-se o Passeio Público e os frequentadores puderam usufruir o seu carrossel, as gôndolas para passeios no rio e o quiosque para botequim. No Batel, o Parque da Cervejaria Cruzeiro proporcionava à população espaço para o saudável hábito da ginástica. E no Coliseu Curitibano, um parque de diversão se abria aos prováveis usuários, congregando cinema, patinação, tiro ao alvo, bandas e um esplêndido serviço de botequins.

Em 1903, um cronista comentou o fato de que em determinado momento restringiram-se as opções de diversão, sendo a manutenção das touradas um sinal de “caiporismo” da capital<sup>47</sup>. Além do mais, no seu olhar, era uma atividade monótona em função dos “pobres bois mansos – até aleijados”. Tratava-se, portanto, de uma crítica mais ampla à cidade, chegando o periodista até mesmo a demonstrar compreensão com os impulsos que mobilizavam os amadores da tauromaquia.

Outro cronista foi mais incisivo: “Não estamos distantes de concordar que as rinhas de galo são resquícios da barbaria que a civilização ainda não conseguiu apagar, lampejo dos circos de Roma cujo ocaso ainda hoje as touradas representam”<sup>48</sup>. Mais contundente ainda foi Luiz Ernesto de Oliveira: “nossa povo é ainda bárbaro, selvagem, é mesmo feroz no trato dos animais. (...). é feroz quando nas brigas de galo e nas touradas se diverte com o derramamento de sangue dos animais que nos são mais úteis”<sup>49</sup>.

Em 1910, no Diário da Tarde<sup>50</sup>, outro cronista talvez tenha sido dos mais críticos, considerando as touradas como uma mácula para uma cidade que deveria definitivamente se modernizar e estava a caminho do progresso. Para o autor, “certas coisas há (...) que destoam desse

46 Diário da Tarde, 24 mar. 1903, p. 1.

47 A República, 6 jul. 1903, p. 1.

48 A República, 3 nov. 1905, p. 2.

49 Diário da Tarde, 5 set. 1910, p. 1.

50 Esse folhetim circulou entre 1899 e 1940. Segundo Cunha Filho (1998), apresentava uma forte tendência liberal e anticlerical.

cunho moderno que caracteriza a bela estrela do sul e que não devemos consentir que se plantem entre nós como hábito”<sup>51</sup>. A seu olhar, não havia dúvidas de que as corridas de touros eram “brutais, bestialidade indigna do século da eletricidade e do rádio”.

A cidade cada vez mais deixava seu passado rural e aderia a uma ideia de urbanidade que deveria ser marcada pelas noções de civilização e progresso<sup>52</sup>. Todavia, esse processo não se deu de forma automática e plena até os dias de hoje<sup>53</sup>. A propósito, Dourado (2013) lembra que uma manifestação dessa convivência de arranjos é mesmo a promoção de rodeios e vaquejadas, práticas que tem muitos pontos em comum com as antigas touradas.

Além disso, devemos lembrar, os envolvidos com a tauromaquia vieram fazendo operações discursivas a apresentando não como resquício do passado, mas sim como uma manifestação plenamente ajustada aos padrões de modernidade, ideias que repercutiram até mesmo em outros âmbitos. Em 1901, um cronista sugeriu que as touradas estariam para os espanhóis como o esporte para os ingleses, embora dedique-se a criticar certos exageros, como as lutas de boxe<sup>54</sup>. Em 1909, um periodista de Olho na Rua<sup>55</sup> defendeu a prática, tentando compreender os impulsos que movem os adeptos<sup>56</sup>.

Uma posição que bem expressa a ambiguidade em relação às touradas se vê na afirmação de um cronista de “A República” que assinou como Saul: “Essa diversão, conquanto se apresente, a princípio, como um espetáculo bárbaro, contudo tem o seu lado atraente, muito apreciável e até mesmo impressionante”<sup>57</sup>.

Assim sendo, não surpreende que tenha se mantido a promoção de touradas naqueles anos iniciais do século XX, em certa medida ainda mais faustosas do que as da centúria anterior, até mesmo dialogando com as novas sensibilidades em construção na sociedade curitibana. Por exemplo, os anúncios da primeira iniciativa, o Coliseu Curitibano, dão mais destaque ao homem toureiro do que aos animais, tanto ao empresário Manoel Antello quanto ao cavaleiro Vicente Ruz Ramos.

Perceba-se que se tratava de um investimento mais ambicioso. Um dos indicadores é o maior cuidado na construção da arena. Procurou-se garantir que era sólida e elegante, vistoriada pelos engenheiros da Câmara Municipal. O empreendimento tinha relação com dois outros: a

51 Diário da Tarde, 19 nov. 1910, p. 1.

52 Santos (1998) se debruçou sobre o processo de transição do rural para o urbano na cidade de Curitiba.

53 Para um debate sobre os conceitos de rural e urbano no Brasil, ver Rodrigues (2014). Sobre as persistências e convivências entre o rural e o urbano, ver Rocha e Pizzolatti (2005).

54 Diário da Tarde, 1 jul. 1901, p. 2.

55 Com edições quinzenais publicadas entre 1907 e 1911, o Olho da Rua foi uma revista que se utilizava de sátiras, especialmente em charges, para tecer comentários críticos sobre assuntos diversos (CHAGAS; FERNANDES, 2013).

56 O Olho da Rua, 15 nov. 1909, p. 25.

57 A República, 14 mai. 1910, p. 1.

Confeitoria Bube (situada na Rua XV de Novembro) e o estabelecimento comercial de Francisco Serrador.

Outra atração que teve em conta as mudanças no quadro contextual foi a promoção de sessões com o protagonismo de toureiras, entre as quais “a célebre e simpática matadora Lola Salinas (La Aragonesa) e as destemidas bandarilheiras Asuncion Gregorio (de Valencia) e Francisca Dias (de Burgos)”, integrantes da Companhia de Senhoritas Toureiras<sup>58</sup>. De um lado, tratava-se de uma tentativa de demonstrar que era uma prática civilizada e não brutal, de outro, fazia eco a uma sociedade em que se ampliava a presença de mulheres na cena pública, como bem identificou Priori (2017)<sup>59</sup> e Trindade (1996).



Figura 5  
Anúncio das touradas do Coliseu Curitibano.  
Diário da Tarde, 24 abr. 1903, p. 3.

A despeito dos valores acessíveis de bilhetes, entre 1\$500 e 3\$000<sup>60</sup>, compatíveis com outras diversões à época<sup>61</sup>, e de algumas sessões com grande afluência de público, o sucesso não parece ter sido o esperado pelo empresário espanhol. Adquiriu o Coliseu um dos personagens que se tornou um dos grandes empresários do entretenimento em Curitiba (atuação que também existia em São

58 Diário da Tarde, 30 mai. 1903, p. 4.

59 Priori (2017) perceber que no início do século XX, em Curitiba, era progressivamente notável a participação de mulheres como consumidoras, público, praticantes, funcionárias e até mesmo empreendedoras dos mais variados gêneros comerciais.

60 A República, 16 mai. 1903, p. 4.

61 Na ocasião, 1 hora de patinação custava 1\$000, enquanto uma garrafa de cerveja Atlântica Pilsen valia 6\$500 (GOMES; MORAES; MELO, 2020).

Paulo e depois se ampliaria para o Rio de Janeiro): Francisco Serrador Carbonell<sup>62</sup>.

Serrador, aparentemente, não considerou tão rentáveis as touradas. Vendeu o madeiramento da praça<sup>63</sup> e se dedicou ao fomento de outros gêneros de entretenimento, especialmente a um parque de diversão que marcou seu tempo, encarado como símbolo do progresso. O empresário, inclusive, utilizou o nome Coliseu Curitibano na nova empreitada, instalada na antiga Rua Aquidabã (atual Emiliano Perneta)<sup>64</sup>. Com sua conhecida acuidade para os negócios, talvez tenha percebido que a nova cidade já valorizava outros entretenimentos.

Entre 1903 e 1916, houve espetáculos esparsos, como um promovido por um grupo de amadores em prol da Santa Casa de Misericórdia. O caráter benfazente atraiu bom público, mas as deficiências da organização, inclusive a sempre problemática escolha dos animais, acabaram por desestimular os adeptos.

Houve também algumas temporadas longas, mas sem tanta repercussão e frequência de público. Em 1916, tratou-se de uma iniciativa mais ambiciosa, uma praça de touros denominada Pavilhão Recreativo, localizada na Rua Barão de Rio Branco. A dinâmica não mudou muito, inclusive nos preços, semelhantes aos de 1903, com a única inovação de oferta de um camarote para quatro pessoas<sup>65</sup>. O empreendimento uma vez mais não logrou sucesso.

Enquanto as touradas deixaram de ser promovidas com maior frequência, até mesmo por já não atrair grande público, o parque de diversões de Francisco Serrador logrou grande sucesso<sup>66</sup>. Ao que tudo indica, com a emergência de outros ambientes para divertimentos, inclusive alguns que foram fortemente retratados como fruto dos novos tempos, como as iniciativas esportivas (CAPRARO, 2002), a tauromaquia foi perdendo espaço em Curitiba. A adesão a determinados parâmetros de modernidade se tornara mais efetiva, reduzindo, sem eliminar totalmente, o espaço de práticas que mobilizavam referências do passado.

Além disso, cresceu o tom de algumas críticas. Na década de 1910, se tornou uma das principais combatentes contra as touradas a Federação Espírita do Paraná que, como vimos, desde o século XIX vinha se debatendo contra a prática<sup>67</sup>. Outro exemplo de crítica pode se ver, em 1912, quando o secretário da Agricultura do Paraná, Ernesto de Oliveira, um importante líder do Estado<sup>68</sup>, teve como tema de uma de suas celebradas conferências o combate ao “divertimento grosseiro e

62 Diário da Tarde, 24 jul. 1903, p. 3. Sobre Serrador, ver Moraes (2012).

63 Diário da Tarde, 18 set. 1903, p. 4.

64 Dentre as atividades anunciadas no Coliseu Curitibano destacavam-se a patinação, um magnífico carrossel e o cinema (BRANDÃO, 1994; GOMES; MORAES; MELO, 2020).

65 A República, 6 fev. 1914, p. 3.

66 Segundo Brandao (1994), os espetáculos do Coliseu Curitibano atraíam frequentemente mais de duas mil pessoas.

67 Ver, por exemplo, A República, 4 jan. 1912, p. 1.

68 Sobre o perfil de Oliveira, ver: A Província, Recife, 1 mai. 1913, p. 1.

desumano”<sup>69</sup>.

Na capital nacional, pelo Decreto 1.173, de 12 de maio de 1908, proibiu-se definitivamente as touradas (MELO, 2013b). Em Curitiba, isso somente ocorreu com a proibição nacional, em 1934<sup>70</sup>. Todavia, passando a ter que rivalizar com os inovadores *matches* de futebol, as “emocionantes” corridas ciclísticas, os “velozes” carrosséis, os “espetaculares” teatros e os “magníficos” cinemas, a tauromaquia passou a ser cada vez menos presente no cotidiano.

## Considerações finais

A investigação das touradas organizadas em Curitiba no período em tela nos permite perceber três momentos da estruturação da capital paranaense. Num primeiro instante, em meados do século XIX, foram promovidas algumas reformas e começaram a circular ideias de civilização e progresso. A cidade iniciava seu processo de modernização, adotando uma dinâmica mais urbana, todavia permanecendo ainda bastante rural.

Nesse cenário, também se iniciava a estruturação de um mercado de entretenimentos. As touradas poderiam ter encontrado bom território para se implantar por mobilizarem muitos símbolos rurais, não prosperaram, contudo, em função do reduzido público consumidor cujos hábitos ainda não eram notavelmente públicos.

Num segundo momento, anos finais do século XIX, as touradas encontraram melhores condições para se estabelecer na cidade. Não surpreende que as temporadas mais duradouras tenham ocorrido nesse momento. Curitiba já apresentava uma dinâmica mais urbana, mesmo que persistissem hábitos do passado.

Ainda que tenham surgido as primeiras críticas mais contundentes às touradas, parece ter funcionado a operação discursiva que as apresentou como manifestações modernas, espetáculos que bem se ajustavam a uma cidade que já tinha maior público consumidor, mais acostumado aos entretenimentos citadinos.

Nos anos iniciais do século XX, o mercado de entretenimentos estava bem estruturado na capital paranaense, o que indicaria que as práticas tauromáquicas poderiam ter tido muito sucesso. Todavia, no cenário de modernização, tiveram que disputar espaço com outras atividades julgadas mais modernas, mais adequadas às novas sensibilidades manifestas numa cidade que, sem abandonar totalmente as referências ao rural, já se apresentava bem urbana. Mais ainda, sofreram maior número de críticas por seu caráter bárbaro e ultrapassado. Com isso, perderam sua sustentação, não mais logrando o sucesso obtido nos anos 1890.

69 A República, 4 out. 1912, p. 2.

70 Nesse ano, Getúlio Vargas decretou a proibição das lutas entre animais.

Percebemos que o tema se apresentou como de grande interesse para lançarmos um olhar sobre a dinâmica citadina, sobre o cotidiano dos cidadãos que vivenciavam o processo de mudanças. As touradas merecem ser estudadas e referenciadas por esse aspecto, mas também porque se constituíram parte importante da experiência urbana, mais uma faceta da cidade que vale a pena descortinar.

## Referências

### Fontes

- A Cidade de Itu, 29 dez. 1904, p. 4.
- A Província, 1 mai. 1913, p. 1.
- A Republica, 9 fev. 1892, p. 3.
- A Republica, 12 mar. 1892, p.
- A Republica, 29 mar. 1892, p. 2.
- A Republica, 9 abr. 1892, p.2.
- A Republica, 14 abr. 1892, p. 4.
- A Republica, 26 jul. 1892, p. 2.
- A Repúblca, 7 out. 1894, p. 2.
- A Republica, 15 de set. 1895, p.2.
- A Republica, 29 de set. 1895, p.2.
- A Repùblica, 16 out. 1895, p. 2.
- A Repùblica, 1 nov. 1895, p. 4.
- A Repùblica, 14 nov. 1895, p. 4.
- A Repùblica, 8 dez. 1895, p. 4.
- A Repùblica, 15 dez. 1895, p. 1 e 4.
- A Repùblica, 17 dez. 1895, p. 1.
- A Repùblica, 18 set. 1896, p. 3.
- A Repùblica, 4 out. 1896, p. 1
- A Repùblica, 25 abr. 1897, p. 3.
- A Repùblica, 16 mai. 1903, p. 4.
- A Repùblica, 6 jul. 1903, p. 1.
- A Repùblica, 3 nov. 1905, p. 2.
- A Repùblica, 14 mai. 1910, p. 1.
- A Repùblica, 4 out. 1912, p. 2.

- A República, 6 fev. 1914, p. 3.
- A Tribuna, 9 nov. 1895, p. 4.
- A Tribuna, 23 nov. 1895, p. 4.
- Dezenove de Dezembro, 8 ago. 1855, p. 3.
- Dezenove de Dezembro, 13 fev. 1856, p. 4.
- Dezenove de Dezembro, 20 fev. 1856, p. 4.
- Dezenove de Dezembro, 9 abr. 1856, p. 4.
- Dezenove de Dezembro, 12 mar. 1886, p. 3.
- Diário do Paraná, 18 jan. 1897, p. 3.
- Diário do Paraná, 27 fev. 1897, p. 3.
- Diário da Tarde, 1 jul. 1901, p. 2.
- Diário da Tarde, 24 mar. 1903, p. 1.
- Diário da Tarde, 24 abr. 1903, p. 3.
- Diário da Tarde, 30 mai. 1903, p. 4.
- Diário da Tarde, 24 jul. 1903, p. 3.
- Diário da Tarde, 18 set. 1903, p. 4.
- Diário da Tarde, 5 set. 1910, p. 1.
- Diário da Tarde, 19 nov. 1910, p. 1.
- O Olho da Rua, 15 nov. 1909, p. 25.
- O Paiz, 19 ago. 1893, p. 6.
- O Paranaense, 28 set. 1881, p. 4.
- O Povir, 15 ago. 1882, p. 2-3.

## Bibliografia

- AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, 1858*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- BERTUCCI, Liane Maria. Saúde pública na capital paranaense: dos “bons ares” à febre tifoide. In: ANPUH. *Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História*. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. p. 1-12.
- BOTTON, Fernando. Os traços do invisível. Aspectos peculiares de história, urbanização e projetos urbanísticos na cidade de Curitiba. *Arquitextos*, São Paulo, v. 12, n. 138.05, 2011.
- BRANDÃO, Angela. *A fábrica de ilusões*: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913). Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba/ Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

CAPRARO, André Mendes. *Foot-ball, uma prática elitista e civilizadora: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX.* Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

CAPUCHA, Luís. O campo da tauromaquia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 5, p. 147-165, 1988.

CHAGAS, Luân José, Vaz; FERNANDES, Marcio. A Modernidade em O olho da Rua: apontamentos sobre a cultura do visual na Curitiba do começo do século 20. In: UFOP. *9º Encontro Nacional de História da Mídia*. Ouro Preto: Alcar, 2013.

CORRÊA, Amélia Siegel. *Imprensa e política no Paraná: Prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX.* Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

CUNHA FILHO, Valter Fernandes. *Cidade e sociedade: a gênese do urbanismo moderno em Curitiba (1889-1940).* Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

DOURADO, Simone Pereira da Costa. O rural como fronteira do urbano: rodeios e vaquejadas nas interpretações do Brasil. *Revista Ideação*, Foz do Iguaçu, v. 15, n. 2, p. 52-69, 2013.

GALERA, Izabella. *Os parques do século XIX em meio a cidade contemporânea: um estudo comparativo entre o Passeio Público de Curitiba e o Parque Municipal de Belo Horizonte.* Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

GOMES, Leonardo do Couto; MORAES, Letícia Cristina Lima; MELO, Victor Andrade de. *Aprender a ser chic: a patinação em Curitiba (1879-1916)* - peculiaridades de uma experiência moderna. Rio de Janeiro: PPGE, 2020.

KARLS, Cleber Eduardo; MELO, Victor Andrade. Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX. *História Unisinos*, São Leopoldo. 18, n. 2, p. 352-363, 2013.

KATO, Allan Thomas Tadashi. Paranaguá, Antonina e Curitiba, início do século XIX: reconstituindo espaços e a lógica de sua organização social. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 283-320, 2012.

LACERDA, Cassiana Lícia de. 1894 – Curitiba oblíqua e dissimulada em tempos de revolução. *Revista Ideias*, Curitiba, 2014.

LEAHY, Anthony. *Curitiba - 317 anos de história, tradição e identidade.* Curitiba: Instituto Memória, 2010.

MARTINS, Wilson. *A invenção do Paraná:* estudo sobre a presidência Zacarias de Góes e Vasconcellos. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1999.

- MELO, Victor Andrade de. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 40, p. 365-392, 2013a.
- MELO, Victor Andrade de. Uma diversão adequada?: as touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884). *História*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 163-188, 2013b.
- MELO, Victor Andrade de. Pois temos touros?: as touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1840-1852). *Análise Social*, Lisboa, n. 215, p. 383-404, 2015.
- MELO, Victor Andrade de; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. As touradas na cidade da Bahia: transições na dinâmica pública soteropolitana. *História & Perspectivas*, Uberlândia, v. 29, n. 54, p. 189-211, 2016.
- MORAES, Julio Lucchesi. O Magnata de Valência: capitalistas, bicheiros e comerciantes do Primeiro Cinema no Brasil (1904-1921). *Revista Movimento*, São Paulo, n. 1, p. 1-18, 2012.
- MORAES E SILVA, Marcelo Moraes. *Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar*: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- MYSKIW, Antonio Marcos. Curitiba, “República das Letras” (1870/1920). *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Dourados, v. 2, n. 3, p. 1-27, 2008.
- PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: UFPR, 1996.
- PRIORI, Angelo et al. *História do Paraná*: séculos XIX e XX. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2012.
- PRIORI, Claudia. Mulheres e a pintura paranaense: relação entre arte e gênero (fim do século XIX e começo do século XX). *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 65, n. 1, p. 359-384, 2017.
- ROCHA, Fernando Goulart; PIZZOLATTI, Roland Luiz. Cidade: espaço de descontinuidades. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, v. 3, n. 2, p. 46-53, 2005.
- RODRIGUES, João Freire. O rural e o urbano no Brasil: uma proposta de metodologia de classificação dos municípios. *Análise Social*, Lisboa, v. XLIX (2.º), n. 211, p. 430-456, 2014.
- SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. Ideário do progresso e cidades: uma Curitiba das primeiras décadas do século XX. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 75-94, 1998.
- SANTOS, Flávia da Cruz. MELO, Victor Andrade de. Entre o rural e o urbano: as touradas na São Paulo do século XIX (1877-1889). *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n. 463, p. 39-69, 2014.
- SÊGA, Rafael Augustus. Maragatos dos Campos Gerais: razões que levam alguns setores da sociedade paranaense a aderir à Revolução Federalista. *Revista Tecnologia e Humanismo*, Curitiba, v. 15, n. 20, p. 71-80, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços femininos. *Projeto História*, São Paulo, n. 13, p. 109-120, jun. 1996.

VIACAVA, Vanessa Maria Rodrigues. “Em busca de Curitiba perdida”: a construção do *habitus* curitibano. In: UFPR. *XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, Civilização e Contemporaneidade*. Recife, UFPR, 2009.

VIEIRA, David Durval Jesus. Sensibilidade (in)civilizada. *Revista Espacialidades*, Natal, v. 7, n. 01, p. 148-170, dez. 2014.

ZATTI, Carlos. *O Paraná e o Paranismo*. Curitiba: Clube de Autores, 2010.

ZATTI, Carlos. *Campeiros do Paraná tradicional*. Curitiba: Clube de Autores, 2011.